

A INTERFACE ENTRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE E DE EMPRESAS: FOCO NO ODS 4 DA ONU

*Ramón Andrés Ortiz-Rojo**

Universidade Federal do Espírito Santo

<https://orcid.org/0000-0001-9258-3415>

*Kyria Rebeca Finardi***

Universidade Federal do Espírito Santo

<http://orcid.org/0000-0001-7983-2165>

*Gabriel Brito Amorim****

Universidade Federal de Goiás

<https://orcid.org/0000-0003-2882-520X>

RESUMO

O estudo reflete sobre a relação entre a internacionalização da universidade e de pequenas e médias empresas (PME) e o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 4 (ODS-4) – Educação de Qualidade – que visa assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos, promovendo a formação de uma cidadania glonacal, reconhecendo o papel e as inter-relações dos níveis global, nacional e local na educação superior. A pesquisa utiliza uma abordagem de meta-análise para analisar um corpus de 20 estudos produzidos sobre e/ou em uma universidade federal do Sudeste do Brasil para ilustrar a discussão sobre o papel e a relação da universidade, sua internacionalização e a das PME em relação ao ODS 4. A internacionalização da universidade investigada foi analisada em relação à tríplice missão da universidade. Os resultados sugerem que a internacionalização da educação superior se relaciona com a tríplice missão da universidade de ofertar ações de ensino (analisado no curso de Administração), pesquisa (analisado nas publicações dessa instituição) e extensão (analisados em relação a um projeto de extensão/internacionalização). De modo geral, concluiu-se que a internacionalização da universidade se relaciona com o

* Bacharel e Mestre em Administração. Doutorando no Programa de Pós Graduação em Administração (PPGAdm) da Universidade Federal do Espírito Santo em cotutela com o Programa de Doutorado em Direção de Empresas da Universidade de Valência, na Espanha. E-mail: ramonandres.31@gmail.com

** Professora Associada do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE) e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciada em Letras Inglês, Mestre e Doutora em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós doutora em Inglês pelas Universidades de Genebra (Suíça) e de Valência (Espanha).

*** Professor Adjunto do Departamento de Línguas Estrangeiras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Ensino de Língua Inglesa pela West Virginia University (EUA), Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo e Pós-Doutor em Letramentos Digitais e Formação de Professores pela Universidade de São Paulo.

ODS4 e com a internacionalização de PME na medida em que pode promover a internacionalização do currículo e a formação de uma cidadania glonocal.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior; Empresa e Educação; Currículo; ODS 4.

ABSTRACT

THE INTERFACE BETWEEN THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION AND COMPANIES: A FOCUS ON UN SDG 4

This study reflects on the relationship between the internationalization of universities and small and medium-sized companies (SME) and the Sustainable Development Goal 4 (SDG-4)- Quality Education – which aims to guarantee inclusive, equitable and quality education for all, promoting the formation of glonocal citizenship, recognizing the interrelationships of the global, national and local levels in higher education. A meta-analysis approach is used to analyze a corpus of 20 studies produced at a federal university in the Southeast of Brazil illustrating the discussion on the role and relationship of the university, its internationalization and that of SME in relation to the SDG 4. The internationalization of the investigated university was analyzed in relation to the university's triple mission. The results suggest that the internationalization of higher education is related to the university's triple mission of offering teaching actions (analyzed in the Business Administration course), research (analyzed in the publications of that institution) and extension (analyzed in relation to an extension/internationalization project carried out in that institution). Overall, we conclude that the internationalization of the university is related to the SDG4 and the internationalization of SME as it has the potential to promote the internationalization of the curriculum and the formation of glonocal citizenship.

Key words: Internationalization of Higher Education; Companies and Education; Curriculum; SDG 4.

RESUMEN

LA INTERFAZ ENTRE LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR Y LAS EMPRESAS: UN ENFOQUE EN EL ODS 4 DE LA ONU

Este artículo reflexiona sobre la relación entre la internacionalización de las universidades y las pequeñas y medianas empresas (PYME) y el Objetivo de Desarrollo Sostenible 4 (ODS-4)- Educación de Calidad – que busca garantizar una educación inclusiva, equitativa y de calidad para todos, promoviendo la formación de ciudadanía glonocal, reconociendo las interrelaciones de los niveles global, nacional y local en la educación superior. El estudio hace un metaanálisis de un corpus de 20 estudios producidos en una universidad federal del Sudeste de Brasil que ilustra la discusión sobre el papel y la relación de la universidad, su internacionalización y la de las PYME con relación a los ODS 4. La internacionalización de la universidad investigada fue analizada en relación con la triple misión de la universidad. Los resultados sugieren que la internacionalización de la educación superior está relacionada con la triple misión de la universidad de ofrecer acciones de docencia (analizada en la carrera

de Administración), de investigación (analizada en las publicaciones de esta institución) y de extensión (analizada con relación a un proyecto de extensión/internacionalización). En general, concluimos que la internacionalización de la universidad está relacionada con el ODS 4 y la internacionalización de las PYME, ya que tiene el potencial de promover la internacionalización de planes de estudios y la formación de ciudadanía glonacal.

Palabras clave: Internacionalización de la Educación Superior; Empresas y Educación; Currículo; ODS 4.

INTRODUÇÃO

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) número 4 – Educação de Qualidade – visa assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade para promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Esse objetivo se relaciona com a formação e com a educação para uma cidadania global (ECG), cuja origem data da década de 1980 quando a Comissão de Sustentabilidade e Desenvolvimento da ONU definiu desenvolvimento sustentável como aquele que considera os recursos necessários para futuras gerações em termos de crescimento econômico, inclusão social, governança e sustentabilidade.

Em 2015 a ONU aprovou os 17 ODS com 169 metas que foram incluídas na agenda 2030. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) define a ECG como uma forma de educação que visa empoderar aprendizes de todas as idades para assumir papéis ativos nos contextos local e global para a construção de sociedades mais pacíficas, tolerantes, inclusivas e seguras. Além disso, e segundo Cho e Mosselson (2018), a ECG é uma forma de justiça social orientada para a transformação do currículo educacional a fim de combater desigualdades políticas, sociais, econômicas e culturais.

Ainda que nós reconheçamos a importância de pensar a ECG em termos locais e globais, entendemos que questões locais, nacionais e globais podem ser melhor abordadas desde uma perspectiva glonacal (Marginson; Rhoades, 2002) que assume as responsabilidades de

todos os envolvidos nesse processo, especialmente de governos nacionais. Nesse contexto, a ECG se tornou um dos objetivos da internacionalização da educação superior, definida como

[...] um processo intencional de integração das dimensões internacionais, interculturais e globais nos propósitos, funções e missões da educação superior para aumentar a qualidade da educação e da pesquisa para alunos e staff e oferecer uma contribuição significativa para a sociedade (De Wit *et al.*, 2015, p. 29, tradução nossa)¹.

Portanto, a internacionalização é vista como uma forma de desenvolver cidadãos globais (Gacel-Ávila, 2005; Braskamp, 2008). Essa visão de ECG tem sido criticada por exemplo (Piccin; Finardi, 2019) na medida em que, geralmente, esse cidadão global é um membro de elites ocidentais (Jorgeson, 2010) com motivações coloniais (Andreotti, 2014) e valores ‘universais’ que se aplicam apenas a uma parte do planeta (Stein, 2017).

A ECG tem sido contestada no âmbito da internacionalização da educação superior sob uma perspectiva decolonial (ex. Khoo, 2014; Andreotti, 2014; Piccin; Finardi, 2019), por mascarar a responsabilidade de governos nacionais na garantia desses direitos ‘universais’ a ‘seus’ cidadãos. Nessa aldeia global que o mundo se tornou com a globalização (Birkle; Krewani; Kuester, 2014), nem todos têm ‘passaporte’ uma vez que a globalização (e a internacionalização da educação superior) afeta países e pessoas de formas bem desiguais (Vavrus; Pekol, 2015). Apesar dessa crítica à

ECG, Guimarães e Finardi (2021) entendem que a ECG pode representar um Terceiro Espaço para a promoção de um processo de internacionalização sensível às tensões/agendas locais, nacionais e globais, ou seja, para a promoção de uma internacionalização 'glonacal' que dê conta das responsabilidades de indivíduos, governos, agências, comunidades e universidades nesses processos.

Voltando aos ODS da ONU, a ECG se relaciona com o processo de internacionalização da educação superior tendo ganho destaque mundial durante a década da educação da ONU (2005-2014). No Brasil, a internacionalização da educação superior foi mais amplamente incluída na pauta das instituições de educação superior a partir da criação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) em 2011 (Finardi; Archanjo, 2018), posteriormente substituído pelo Programa de Internacionalização Institucional Capes PrInt (2017).

A internacionalização da educação superior e a ECG se relacionam com a internacionalização da sociedade como um todo e, como não poderia ser diferente, com a internacionalização das empresas. Em relação à internacionalização das pequenas e médias empresas (PME), foco do nosso trabalho, temos que desde a década de 1990, as PME vêm aumentando de maneira considerável sua participação no mercado internacional, seja pela busca por conquistar novos mercados (Rialp *et al.*, 2014), ou pelo aproveitamento de uma oportunidade de negócio (Zahra, 2005), por exemplo, tecnológica (Knight; Cavusgil, 2004). Fatores como a implementação de novas políticas de abertura econômica a nível mundial (Coelho; Júnior, 2016), o surgimento e maior acesso à internet e a queda de barreiras nas comunicações e nos transportes (knight; liesch, 2015; Meyer, 2017) têm contribuído para essa maior participação internacional das PME.

Ao pensarmos nas dificuldades que as empresas enfrentam ao encarar a arena internacional, Leonidou (2004) afirma que as PME são as que maiores dificuldades têm para aquilo.

Ortiz (2021) analisou o processo de internacionalização das PME agrupando os fatores que afetam esse processo em três construtos, a saber: as *capabilities* da empresa, as *capabilities* do gestor e o ambiente institucional. A extensa revisão de bibliografia oferecida por Ortiz (2021) mostra 34 fatores que afetam a internacionalização de empresas, dentre os quais destacamos neste estudo as políticas públicas para o fomento e apoio da internacionalização de PME - em que também podemos considerar as de internacionalização da educação superior no Brasil (Wassem; Ferreira, 2020) -, a capacidade e cultura inovadora e o domínio de línguas estrangeiras para o desempenho no novo mercado por se relacionarem com o ODS4 e a ECG.

Nesse contexto, entendendo que as PME enfrentam diversos obstáculos para se internacionalizar, mais especificamente observando os três fatores supracitados, acreditamos necessário um aprofundamento na relação entre as instituições de educação superior, que por sua vez desempenham um papel fundamental na internacionalização da educação superior, na ECG em geral e na formação dos futuros gestores através dos Cursos de Administração, em particular. Assim, propomos a reflexão sobre esses processos com base em evidências de uma instituição de educação superior (IES) específica (universidade investigada), a fim de refletir sobre a relação entre a internacionalização de empresas, da universidade e o ODS número 4 da ONU.

O objetivo deste estudo é refletir sobre a internacionalização da universidade e de pequenas e médias empresas em relação ao ODS 4. Dessa forma, busca-se analisar a interface entre a internacionalização da IES objeto deste estudo, focando em seu Curso de Administração e na internacionalização de PME olhando para o ODS4 em relação às possibilidades de desenvolvimento de uma Cidadania Glonacal nesse contexto. A motivação para a escolha da universidade investigada, deu-se pelo reconhecimento do papel da universidade no

processo de internacionalização e em virtude do número de pesquisas/trabalhos produzidos dentro dessa temática nessa IES, como se pode observar no projeto de extensão 'Terceiro Espaço na Construção de Cidadania Glonacal: Internacionalização e Extensão', registrado na PROEX da universidade investigada sob número 1788, focado no ODS 4.7. Esse objetivo (ODS 4.7) desafia a educação superior a usar a tecnologia para colocar estudantes e professores em relacionamentos interconectados, local e transnacionalmente, de forma colaborativa com governos, empresas e comunidades a fim de integrar a educação para a cidadania global e no caso desse projeto promovendo práticas para a educação de cidadania glonacal no contexto pós-Covid. Atuando em um terceiro espaço de troca/e transferência de conhecimento, inovação e tecnologia da universidade investigada com a comunidade externa (PME), o projeto de extensão supramencionado integra ações de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização da universidade em questão para o desenvolvimento de uma cidadania "glonacal".

A fim de avaliar o papel da universidade investigada no desenvolvimento do ODS 4 e 4.7, bem como entender os desafios que enfrentam as PME na sua internacionalização, propomos neste artigo uma meta-análise de 20 trabalhos produzidos na ou sobre a universidade investigada que abordam essas temáticas, a saber: 1) Amorim e Finardi (2021), 2) Ortiz (2021), 3) Finardi, El Kadri e Taquini (2021), 4) Guimarães e Finardi (2021), 5) Guimarães, Mendes e Hildeblando Júnior (2021), 6) Guimarães, Finardi e Amorim (2021), 7) Taquini e Finardi (2021), 8) Finardi e Guimarães (2020), 9) Finardi, Sembiente, Amorim e Veronez (2020), 10) Guimarães, Finardi, El Kadri e Taquini (2020), 11) Wassem e Ferreira (2020), 12) Finardi, Guimarães e Mendes (2019), 13) Finardi e Guimarães (2019), 14) Guimarães e Finardi (2019), 15) Guimarães, Mendes, Rodrigues, Paiva e Finardi (2019), 16) Piccin e Finardi (2019), 17) Amorim e Finardi (2017), 17) Finardi, Santos e Guimarães (2016), 19) Ortiz

Rojo, Gonzalez, Sartório e Oliveira (2015) e 20) Finardi e Ortiz (2015).

A meta-análise busca analisar o papel e a relação da universidade investigada, de seu processo de internacionalização e das PME em relação aos ODS 4 e 4.7 da ONU. Dessa forma, esta pesquisa visa contribuir para a reflexão acerca da temática da internacionalização, mais especificamente a internacionalização do currículo, para uma cidadania glonacal, onde universidade e sociedade trabalham em conjunto para formar os futuros gestores de PME.

REFERENCIAL TEÓRICO

Internacionalização da Educação Superior e Internacionalização do Currículo

A internacionalização da educação superior no mundo tem sido pauta para debates e para reformulações de seus construtos nas últimas décadas. A pesquisadora Jane Knight, referência da área, tem se debruçado nesta temática e fornecido à academia definições para auxiliar governos, instituições e programas a definir seus objetivos e propostas. Outro nome expoente da área é Hans de Wit, de quem adotamos a definição mais atualizada neste manuscrito, e que vem redefinindo os propósitos da internacionalização institucional como forma de dar uma contribuição significativa para a sociedade (De Wit, 2011, 2015, 2020).

Como apontado na definição de internacionalização de De Wit *et al.* (2015), as pesquisas em internacionalização no contexto brasileiro têm concentrado esforços em fazer cada vez mais clara a intenção e as motivações das IES para a internacionalização, vendo esse processo como um meio de melhorar a qualidade da oferta da universidade e não como um fim em si mesmo.

Pensando nas possibilidades de uma internacionalização mais justa e equânime, Joseph (2011) sugere a internacionalização do currículo (IdC) ancorada no conceito de justiça social. A autora sugere que a mudança paradigmática da universidade como bem público para

um serviço privado (uma *commodity*) fez com que as universidades procurassem maneiras de aumentar sua receita. No caso das IES australianas, contexto da autora, a corrida para angariar recursos financeiros deu-se pela captação e matrícula de estudantes estrangeiros. No caso do Brasil, Finardi e Ortiz (2015), ao analisarem as motivações de uma IES pública e de outra privada para a internacionalização, concluíram que no Brasil a motivação econômica não é o principal motor por trás da internacionalização das IES.

Joseph (2011) destaca três tipos de internacionalização do currículo (IdC): 1) a abordagem econômico-racionalista, focada na captação de recursos por meio de *branch campi* internacionais, programas gêmeos/pares e programas *offshore*; 2) a abordagem integrativa, ou seja, onde aspectos interculturais são adicionados a um currículo já existente; e por último, 3) uma abordagem transformativa, isto é, aquela que está alinhada a um entendimento crítico do currículo e que objetiva uma pedagogia inclusiva, feminista, antirracista e pós-colonial.

Este estudo, em particular, está alinhado à abordagem transformativa de IC apresentada por Joseph (2011). Entendemos que tal abordagem para a IC é mola propulsora ou veículo para construirmos a ponte entre universidade e sociedade, considerando suas necessidades locais e globais e criando assim práticas e políticas de internacionalização mais localmente situadas. Apesar de viverem realidades socioeconômicas diferentes, Brasil e Austrália, vivem realidades similares no tocante à educação superior. De acordo com Joseph (2011),

Em consonância com as tendências e desenvolvimentos educacionais globais nas nações capitalistas e pós-industriais do Oeste, as universidades australianas agora funcionam como instituições educacionais gerenciais. Houve “uma mudança da consciência e responsabilidade social para um individualismo ... da moralidade para a vigilância moralista orientada por auditoria. . . da crítica a crítica estúpida em termos de regras e regulamentos associados à vulnerabilidade individual e a essas novas regras e regula-

mentos, que por sua vez nos levam em direção à conformidade com o grupo” (DAVIES, 2005, p. 12). Como manter as noções de IC e “pedagogia inclusiva”, nas quais as experiências vividas por alunos e professores são fundamentais para a educação em tal ambiente? Nesse ambiente, a disciplina performativa neoliberal acadêmica é definida em termos de renda, o eu-individual, a sobrevivência econômica, os mecanismos de vigilância para relatar e produzir comportamentos adequados (DAVIES, 2005). Esses discursos de posicionamentos de disciplinas são desafios para acadêmicos e educadores que se comprometem com o desdobramento da (in)justiça e (des)igualdades sociais na produção e disseminação de conhecimento nas salas de aula e na academia em relação a IC. Diferentes maneiras de conhecer e ser não são reconhecidas ou recompensadas em tal ambiente (Joseph, 2011, p. 251, tradução nossa)2.

Para aproximar a universidade da sociedade, utilizamos o conceito de IdC como forma de preencher a lacuna entre a pesquisa, o ensino e a extensão realizados dentro dos muros da universidade e as práticas exercidas fora deles, na sociedade.

Internacionalização de pequenas e médias empresas

O fenômeno do empreendedorismo internacional (EI), ainda pouco estudado no Brasil (Leite; Moraes, 2014), em que se enquadra a internacionalização das PME, possui trabalhos pioneiros como Oviatt e McDougall (1994), Knight e Cavusgil (1996) e Oviatt e McDougall (1999). Uma das definições mais utilizadas para EI é a oferecida num desses trabalhos seminais, Oviatt e McDougall (1994) sugerem que o EI se manifesta numa organização que, desde o início, busca obter vantagens competitivas significativas com o uso de recursos e a venda de produtos em diversos países. Rialp *et al.* (2014) - com base em Rennie em 1993 usam o termo *Born Global* - também considerado como um empreendimento internacional (Madsen; Servais, 1997). As *Born Global* são pequenas empresas com capacidade de inovar em produtos de avançada tecnologia para se

expandir a mercados internacionais (Knight; Cavusgil, 1996, 2004).

Desde a década de 1990 nota-se um incremento nos estudos que abordam o que seria uma visão antagônica do que podemos chamar de internacionalização tradicional. Autores como Oviatt e McDougall (1999) afirmam existir evidência empírica de que nem todas as empresas se internacionalizam de acordo com os modelos tradicionais. Visão tradicional por exemplo, do Modelo de Uppsala de Johanson e Vahlne (1977) que defende que a internacionalização de uma empresa se dá em etapas, onde fatores econômicos e comerciais influenciam o padrão e o ritmo da internacionalização das empresas.

A abertura do mercado internacional para pequenos e médios empreendedores, tratados na literatura ora como novos empreendimentos internacionais (Oviatt; Mcdougall, 1994), ora como *Born Global* (Rialp *et al.*, 2014), foi favorecida por diversos aspectos. Oviatt e McDougall (1999) destacam que mudanças no ambiente de negócios internacionais facilitaram uma rápida internacionalização desses empreendimentos. Fatores como as melhoras nas comunicações e nos transportes (Oviatt; Mcdougall, 1994), regulamentações mais liberais para os negócios internacionais, mudanças nos padrões de consumo e rápidos avanços na tecnologia (Oviatt; Mcdougall, 1999), e o incremento no uso de redes de contato internacionais (Knight; Cavusgil, 1996; Johanson; Vahlne, 2009), são alguns dos responsáveis por facilitar a internacionalização de empresas em geral, e de maneira mais particular das PME.

Atualmente, diversos são os fatores que afetam a internacionalização de empresas (Ortiz, 2021). O autor supramencionado, no seu modelo conceitual de classificação de nível de internacionalização, agrupa esses fatores em três construtos: os que se relacionam com a empresa em si, os relacionados ao seu gestor e os que tangem ao ambiente em que a empresa se desenvolve. Em relação à bibliografia sobre internacionalização de empresas,

Vissak e Francioni (2013) afirmam que as duas vertentes antes mencionadas são as que ainda concentram o maior número de pesquisas. Por um lado, está a visão de internacionalização gradual (tradicional) de Johansen e Vahlne (1977) e por outro, a internacionalização das empresas que a conseguem mais rapidamente, como as *Born Global* (Knight; Cavusgil, 2004) e os novos empreendimentos internacionais (Oviatt; Mcdougall, 1994).

A participação das pequenas e médias empresas na economia brasileira é de suma importância. Especificamente, em se tratando de exportações, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) menciona que, no ano 2022, os pequenos negócios foram responsáveis por 41,1% das exportações nacionais. Aqui cabe uma nota e importa analisar o papel das políticas públicas de apoio ao EI (Morais; Ferreira, 2019), que além de apoiar a internacionalização dos empreendedores, possam gerar emprego e renda para a população. Somado a isso, é também através de políticas públicas que governos buscam melhorar a competitividade internacional de empresas e o nível de vida das pessoas por meio do descobrimento e aquisição de novas tecnologias (Mcdougall; Oviatt, 2000).

Nesse sentido, observa-se no contexto brasileiro, uma lacuna na formação de futuros gestores para uma Cidadania Glonacal. No caso das PME, pode-se dizer que o desafio de internacionalizar dessas empresas é ainda maior, exigindo, portanto, gestores preparados para enfrentar essas dificuldades. Segundo Finardi e Ortiz (2015), os Cursos de Administração, responsáveis pela formação de futuros gestores ou empreendedores, devem se atentar para a necessidade de formar cidadãos glonacais. Em outras palavras, os cursos de Administração devem ser internacionalizados para poder auxiliar futuros gestores e empresas a trilhar o caminho da internacionalização. Entretanto, Finardi e Ortiz (2015), na análise das IES por esses autores investigadas, não foi isso que encontraram. Esse estudo aponta que 75% da

educação superior brasileira é composta por IES particulares e que essas, por sua vez, não têm interesse em internacionalizar porque estão confortáveis em suas posições, economicamente falando considerando a demanda por educação superior da época. Já as públicas, em menor número, porém muito mais expressivas no cenário da internacionalização, vêm buscando se internacionalizar, ainda que de forma enviesada, ou seja, sem pensar em seus processos de internacionalização de forma crítica e apenas (re)agindo a políticas públicas como o edital Capes PrInt, que ainda está em vigor. Se pensarmos em números, as IES particulares detêm a maioria dos cursos de Administração, geralmente de baixo custo e bem populares e daí já se tem o tamanho da lacuna que temos: 75% das IES brasileiras não têm interesse em internacionalizar, logo, a maioria dos gestores que atuarão no mercado num futuro próximo não recebem a formação que o mercado demanda.

De fato, Finardi e Ortiz (2015), ao analisar/comparar o curso de Administração em uma universidade pública e em outra privada, há quase uma década atrás concluíram que apesar da universidade pública ter mais motivação para a internacionalização, ambas tinham lacunas na internacionalização do currículo. Nenhuma das duas universidades investigadas nesse estudo continha temas, disciplinas ou conteúdos de internacionalização em seus currículos ou cursos de inglês ou línguas estrangeiras na grade curricular.

Assim, observamos que, do ponto de vista educacional, o apoio ao EI se faz necessário

desde a formação nos cursos de Administração das IES brasileiras. Desde o ponto de vista mercadológico e das políticas de governo, esse apoio é necessário tanto num cenário de aproveitamento de novas oportunidades no mercado global (Zahra, 2005), bem como em momentos menos favoráveis como os de recessão e depressão econômica (Costa *et al.*, 2017), ou ainda num cenário de pandemia como a do Covid-19, que afetou mundial e transversalmente diversas áreas, sendo que as PME representam o que os idosos representam para o vírus, ou seja, o grupo mais vulnerável.

METODOLOGIA

O presente estudo é de cunho qualitativo e usa uma abordagem de meta-análise (Timulak, 2009, 2014) para analisar o papel da universidade investigada e a relação entre seu processo de internacionalização e o das PME, em relação ao ODS 4 e 4.7 da ONU. Segundo Timulak (2009, p. 591), a meta-análise tem o potencial de fornecer uma imagem concisa e abrangente de resultados de estudos qualitativos que investigam um mesmo tópico de pesquisa. Nesse sentido, a meta-análise usada neste estudo se debruça nos resultados de 20 trabalhos que compõem o corpus de análise, tendo sido produzidos na ou sobre a mesma universidade federal do Sudeste onde este estudo foi realizado, focando nos resultados que se relacionem ao objetivo deste artigo, qual seja, o de refletir sobre a internacionalização da universidade e de pequenas e médias empresas em relação ao ODS 4.

Tabela 1. Corpus de 20 trabalhos para Meta-análise

N.	TIPO	AUTOR	ANO
1	Artigo	Amorim e Finardi	2021
2	Dissertação	Ortiz	2021
3	Artigo	Finardi, El Kadri e Taquini	2021
4	Artigo	Guimarães e Finardi	2021

5	Artigo	Guimarães, Mendes e Hildeblando Júnior	2021
6	Artigo	Guimarães, Finardi e Amorim	2021
7	Artigo	Taquini e Finardi	2021
8	Artigo	Finardi e Guimarães	2020
9	Artigo	Finardi <i>et al.</i>	2020
10	Artigo	Guimarães <i>et al.</i>	2020
11	Artigo	Wassem e Ferreira	2020
12	Artigo	Finardi, Guimarães e Mendes	2019
13	Artigo	Finardi e Guimarães	2019
14	Artigo	Guimarães e Finardi	2019
15	Artigo	Guimarães <i>et al.</i>	2019
16	Artigo	Piccin e Finardi	2019
17	Artigo	Amorim e Finardi	2017
18	Artigo	Finardi, Santos e Guimarães	2016
19	Artigo	Ortiz Rojo <i>et al.</i>	2015
20	Artigo	Finardi e Ortiz	2015

Fonte: Dos autores

Resultados

Tabela 2. Meta-análise dos estudos

AUTOR	ANO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Amorim e Finardi	2021	<p>Objetivo: apresentar uma matriz de (auto)avaliação institucional da internacionalização construída a partir de 86 indicadores, distribuídos nos três pilares da universidade e analisados em relação às categorias de política linguística, mobilidade acadêmica e internacionalização em casa para sugerir três classificações: internacionalizada, engajada e emergente.</p> <p>Resultados: a matriz representa uma contribuição relevante por ser um instrumento unificado pertinente de avaliação institucional. A pilotagem da matriz na IES sugere que essa instituição tem uma internacionalização emergente.</p>
Ortiz	2021	<p>Objetivo: desenvolver um modelo conceitual de classificação de nível de internacionalização de pequenas e médias empresas.</p> <p>Resultado; o estudo contribui com um modelo conceitual de classificação de nível de internacionalização de empresas. Além disso, informa os fatores que afetam a internacionalização de empresas, facilitando a formulação ou ajuste das estratégias de PMEs para internacionalização.</p>

Finardi, El Kadri e Taquini	2021	<p>Objetivo: refletir sobre o uso do inglês como língua de instrução (EMI) a partir das representações de 12 alunos de um curso de pós-graduação em Ciências Biológicas matriculados numa disciplina de escrita acadêmica em inglês ministrada em 2019-2 na IES.</p> <p>Resultados: o EMI é representado como possibilidade de melhoria do inglês e do letramento acadêmico e a falta de proficiência pode comprometer a participação/o desempenho dos alunos em cursos EMI. As representações do inglês estão ligadas à naturalização desse idioma como língua acadêmica/da internacionalização sugerindo a necessidade de pensar o uso crítico do inglês em geral e em cursos EMI em particular.</p>
Guimarães e Finardi	2021	<p>Objetivo: refletir criticamente sobre alternativas de ECG como Terceiro Espaço glonacal.</p> <p>Resultados: a ECG como Terceiro Espaço pode promover internacionalização glonacal reconhecendo o papel de indivíduos, governos, comunidades e universidades nesse processo.</p>
Guimarães, Mendes e Hildeblando Junior	2021	<p>Objetivo: refletir sobre a relação entre internacionalização e línguas estrangeiras (L2), de acordo com as percepções de estudantes do programa IsF na IES.</p> <p>Resultados: a ideia de internacionalização está vinculada principalmente à mobilidade acadêmica e à necessidade de aprender L2 para a internacionalização. A discussão sugere estratégias de Internacionalização em Casa (IeC) e realocação de recursos para oferta de L2, para lidar com conceitos equivocados associados à internacionalização.</p>
Guimarães, Finardi e Amorim	2021	<p>Objetivo: analisar as relações de cooperação internacional entre Norte Global e Sul Global após a pandemia.</p> <p>Resultados: a interrupção de mobilidade acadêmica física trouxe vários desafios, mas também oportunidades para a internacionalização no Sul Global. Um exemplo de oportunidade é a parceria entre a IES e a Universidade de Coventry, na Inglaterra, consolidada por meio da colaboração virtual durante a pandemia.</p>
Taquini e Finardi	2021	<p>Objetivo: analisar o papel das línguas estrangeiras (L2) na oferta de cursos em inglês (Guia EMI 2018-2019) e no processo de internacionalização da IES.</p> <p>Resultados: O inglês tem papel hegemônico em relação a outras possibilidades de L2 no processo de internacionalização da IES.</p>
Finardi e Guimarães	2020	<p>Objetivo: refletir sobre o processo de internacionalização da educação superior no Sul Global após a pandemia.</p> <p>Resultados: a pandemia trouxe muitos desafios, mas também (e principalmente) oportunidades para o processo de internacionalização de instituições de educação superior do Sul Global na medida em que elas tiveram que suspender programas de mobilidade acadêmica (para poucos), substituindo por programas de mobilidade virtual (para todos) que ampliaram o leque de países, línguas e universidades parcerias para países como o Brasil, descrevendo em particular o caso da IES nesse processo.</p>

Finardi <i>et al.</i>	2020	<p>Objetivo: refletir sobre o processo de internacionalização da educação superior, a partir de um lócus de enunciação do Sul Global (IES) e de outro do Norte Global (FAU) por meio da análise de políticas linguísticas e acordos internacionais nessas duas instituições.</p> <p>Resultados: A análise das políticas linguísticas e acordos internacionais da IES sugere uma natureza reativa e colonial do processo de internacionalização dessa instituição, expresso no número de acordos com instituições do Norte Global e nas políticas linguísticas que privilegiam o uso do inglês. A análise dos acordos de cooperação internacional e políticas linguísticas da IES estrangeira sugere que as estratégias de internacionalização são amplamente projetadas com base na posição privilegiada da universidade como uma instituição de língua inglesa localizada no Norte Global.</p>
Guimarães <i>et al.</i>	2020	<p>Objetivo: Analisar o processo de internacionalização da educação superior no Brasil por meio das declarações informadas nas missões institucionais de 62 universidades federais.</p> <p>Resultados: há uma lacuna entre as crenças/missões/intenções declaradas e as ações das universidades analisadas, dentre elas, a IES investigada.</p>
Wassem e Ferreira	2020	<p>Objetivo: Analisar de que modo a internacionalização figura nos documentos institucionais da IES focando em conceitos, razões e estratégias previstos na política institucional para sua implementação por meio de uma abordagem qualitativa com análise documental e de conteúdo segundo Bardin (2004).</p> <p>Resultados: Dentre as ações de internacionalização está a criação de uma Secretaria de Relações Internacionais e da Rede de Internacionalização da Educação bem como a elaboração de um projeto conjunto, com o envolvimento de nove PPG da instituição, no Programa Institucional de Internacionalização (PrInt) da CAPES, demonstrando um esforço articulado de trabalho de seus docentes e programas mas também a existência de contradições no processo de planejamento de ações para a internacionalização, considerando a diversidade e especificidade dos programas e o contexto político e econômico brasileiro.</p>
Finardi, Guimarães e Mendes	2019	<p>Objetivo: Pensar a internacionalização das instituições de educação superior brasileiras de maneira mais crítica.</p> <p>Resultados: Lacuna (e incompatibilidade) entre princípios e políticas para guiar o processo de internacionalização de forma crítica no Brasil sugerindo a necessidade de desconstrução do imaginário hierárquico de dominação intelectual e cultural e a interação solidária entre as instituições dos países periféricos para fortalecer o bem público da educação superior.</p>
Finardi e Guimarães	2019	<p>Objetivo: Discutir o conceito de agência em relação à políticas linguísticas na IES.</p> <p>Resultados: políticas elaboradas de cima para baixo tem um grande impacto na IES, deixando pouco espaço para o exercício de agência local.</p>
Guimarães e Finardi	2019	<p>Objetivo: Discutir a interface entre internacionalização e políticas linguísticas em geral no Brasil, buscando evidências e indícios na IES por meio da análise dos programas Ciência sem Fronteiras (CsF), Idiomas sem Fronteiras (IsF) e o Edital Capes PrInt.</p> <p>Resultados: as políticas linguísticas e de internacionalização da UFES estão relacionadas e alinhadas a políticas nacionais tendo sido induzidas por elas de forma reativa.</p>

Guimarães <i>et al.</i>	2019	Objetivo: explorar o conceito, possíveis benefícios e desafios da internacionalização em casa (IeC) em geral no Brasil e na IES em particular. Resultados: O estudo sugere que abordagens como a COIL (<i>Collaborative Online International Learning</i>) e a AI (abordagem de intercompreensão) são alternativas relevantes para o desenvolvimento da IeC com possibilidades multilíngues nesse contexto.
Piccin e Finardi	2019	Objetivo: questionar o conceito de GCE desde uma perspectiva decolonial no contexto de internacionalização. Resultados: sugestão de abordagens alternativas e criação de espaços de aprendizado pós-coloniais.
Amorim e Finardi	2017	Objetivo: avaliar a internacionalização no Brasil com coleta de dados na IES, em três níveis, quais sejam: macro (nacional), meso (institucional/UFES) e micro (comunidade acadêmica/IES). Resultados: concluiu-se que as ações de internacionalização em nível macro afetam e são afetadas pela globalização, haja vista a implementação de grandes programas federais como o Ciência sem Fronteiras e o Idiomas sem Fronteiras; já no nível meso, a análise sugere que a IES almeja a internacionalização mas suas ações demonstram um engajamento incipiente; e por fim, no nível micro, a comunidade acadêmica da IES se mostra interessada, mas ainda não está completamente engajada nas ações propostas pela IES. No geral, o estudo concluiu que as línguas estrangeiras e o inglês em particular têm papel relevante na internacionalização, mas as ações e políticas estão desarticuladas em seus vários níveis.
Finardi, Santos e Guimarães	2016	Objetivo: discutir o papel e a relação entre globalização e línguas estrangeiras no processo de internacionalização da educação superior descrevendo a criação da Coordenação de Letramento Internacional dentro da estrutura da Secretaria de Relações Internacionais da IES. Resultados: a criação de uma coordenação de línguas dentro da estrutura da Secretaria de Relações Internacionais é evidência do papel das línguas estrangeiras no processo de internacionalização nessa instituição.
Ortiz Rojo <i>et al.</i>	2015	Objetivo: investigar como Cursos superiores de Administração fomentam a aquisição de capital social dos seus formandos para enfrentar o mercado globalizado. Resultado: As IES investigadas devem melhor explorar aspectos como as TICs, a língua inglesa e as atividades além da sala de aula. A principal maneira de fomentar o capital social nas IES segue sendo a aula presencial. Além disso, que o tema globalização não faz parte da grade dos Cursos e é abordado ou não, de acordo com o critério de cada professor. Os alunos de ambas as instituições estudadas, numa considerável maioria (68%), não se sentem preparados para enfrentar o mercado globalizado.
Finardi e Ortiz	2015	Objetivo: refletir sobre a conexão entre a globalização, a internacionalização de universidades e a construção de capital social em países emergentes. Resultado: um dos maiores desafios na construção de capital social na educação superior no Brasil está relacionado à falta de proficiência no Inglês para ajudar no processo de internacionalização da educação superior, com a conseqüente maior inclusão de países emergentes no mundo globalizado e nos melhores rankings de instituições de educação superior.

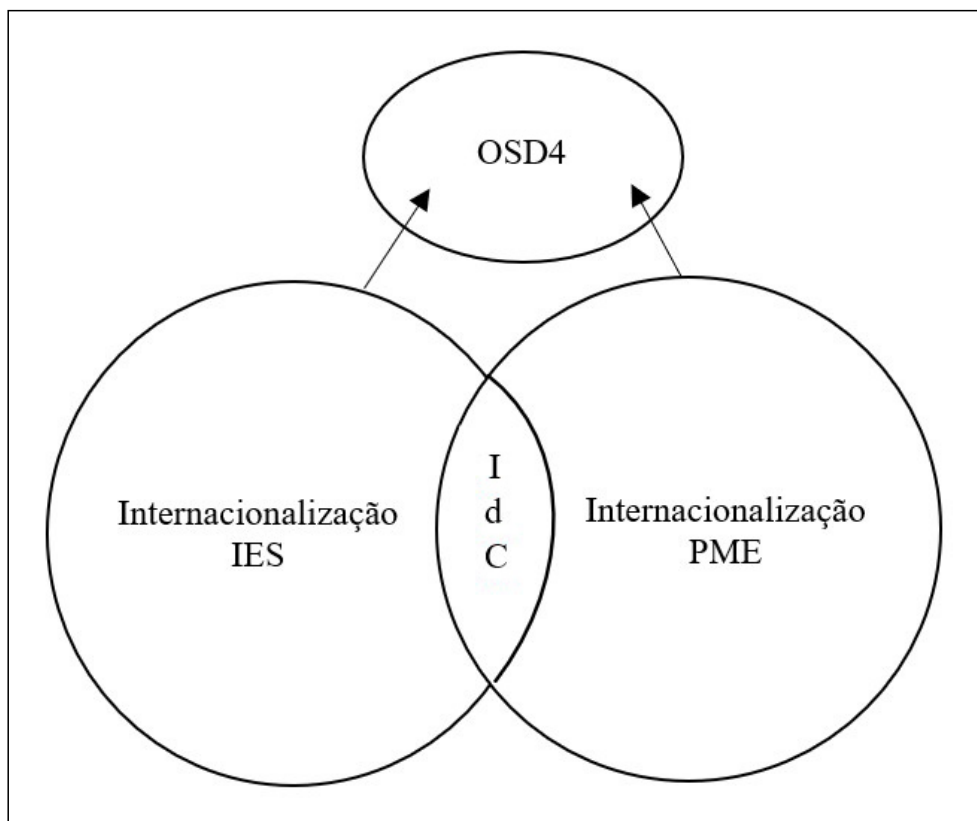
Fonte: Dos autores

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Primeiramente separaremos os estudos que formam o corpus da análise nas temáticas abordadas neste estudo. Por um lado, estão os trabalhos relacionados com a internacionalização da universidade federal investigada (Finardi; Ortiz, 2015; Finardi; Santos; Guimarães, 2016; Amorim; Finardi, 2017; Piccin; Finardi, 2019; Guimarães Et Al., 2019; Guimarães; Finardi, 2019; Finardi; Guimarães, 2019; Finardi; Guimarães; Mendes, 2019; Wassem; Ferreira, 2020; Guimarães Et Al., 2020; Finardi Et Al., 2020; Finardi; Guimarães, 2020; Guimarães;

Finardi; Amorim, 2021; Guimarães; Finardi, 2021; Amorim; Finardi, 2021). Por outro lado, estão os estudos que se relacionam com a internacionalização do currículo (Ortiz Rojo Et Al., 2015, Taquini; Finardi, 2021; Guimarães; Mendes; Hildeblando Júnior, 2021; Finardi; El Kadri; Taquini, 2021), e por último, o estudo relacionado diretamente com a internacionalização de PME onde Ortiz (2021) informa os fatores que afetam a internacionalização das PME. Dessa forma buscamos identificar as relações entre a internacionalização da universidade investigada com as PME focando no ODS 4 da ONU (Figura 1).

Figura 1. A interface entre a internacionalização da universidade, a das empresas e o ODS4.



Fonte: Dos autores

A análise dos estudos sobre o processo de internacionalização da instituição de educação superior investigada sugere que esse processo está intimamente relacionado à tríplice missão da universidade de ofertar ações de ensino, pesquisa e extensão. A internacionalização da IES investigada se relaciona com sua missão de ensino na interface com a IdC, como se pode

observar no estudo de Finardi e Ortiz (2015) que analisaram o curso de Administração dessa IES. O estudo supramencionado conclui que essa relação deixa muito a desejar, uma vez que o currículo do curso de Administração não compreende o desenvolvimento de temas e competências globais que possam levar ao desenvolvimento de uma cidadania glonacal.

Uma das deficiências encontradas nesse estudo se relaciona com a falta de oferta, incentivo ou inclusão de línguas estrangeiras em geral ou de inglês, na grade curricular do curso de Administração.

As deficiências supramencionadas estão diretamente relacionadas com as percepções dos futuros administradores, sendo que em Ortiz Rojo *et al.* (2015), grande parte dos estudantes participantes do estudo (68%) não se sentia preparado para enfrentar o mercado globalizado. Nesse sentido, é que em se tratando de futuros gestores ou administradores, apela-se para uma abordagem glonocal (Marginson; Rhoades, 2002). Cabe mencionar os três fatores que afetam a internacionalização de empresas aqui destacados que menciona Ortiz (2021), quais sejam: políticas públicas para o fomento e apoio da internacionalização de PME, capacidade e cultura inovadora e o domínio de línguas estrangeiras (Inglês) para o desempenho no novo mercado.

Em relação às políticas públicas, acreditamos ser interessante considerar as relacionadas com a internacionalização da educação superior no Brasil (por exemplo Wassem; Pereira; Finardi, 2020), uma vez que estas se relacionam com a IdC que por sua vez está atrelada aos Cursos de Educação Superior, e claro entre eles, o de Administração. Sobre o fator relacionado com uma cultura de inovação, que deve existir nas PME em se tratando de estratégias para internacionalização, estima-se que esse quesito deveria fazer parte de uma formação que vise a preparar cidadãos (futuros gestores) com um senso glonocal, o que não foi identificado nas IES investigadas por Finardi e Ortiz (2015) e Ortiz Rojo *et al.* (2015). Sobre o ensino de Inglês nos Cursos de Administração, observa-se que ainda há muito a ser feito (Finardi; El Kadri; Taquini, 2021).

Em relação à pesquisa, a análise do corpus mostra que há uma forte relação entre o processo de internacionalização e a pesquisa na IES investigada, provavelmente, incentivado por editais nacionais com caráter indutivo

focados na pós-graduação, como é o caso do Capes PrInt. Finalmente, em relação à extensão, a análise do corpus não permitiu vislumbrar uma estreita relação entre o processo de internacionalização e a extensão, mas o projeto de extensão identificado na IES investigada³ representa uma esperança nesse sentido.

Se analisarmos a internacionalização da IES investigada em relação a essa tríplice missão, podemos ver como a falta de incentivo para a internacionalização do ensino pode afetar, no caso do curso de Administração, a internacionalização das PME uma vez que a universidade é responsável pela formação desses futuros gestores. Finardi e Ortiz (2015) apontam que $\frac{3}{4}$ das instituições de educação superior (IES) brasileiras que ofertam a maioria dos cursos de Administração no país são privadas e não tem muita motivação para se internacionalizar uma vez que o mercado doméstico para as IES privadas é relativamente confortável considerando o total da oferta e demanda no país. Assim, as IES privadas não precisam buscar mensalidades de alunos estrangeiros para se manter.

Ao triangularmos o referencial teórico apresentado, o ODS 4 e os resultados dos 20 estudos elencados na meta-análise, podemos traçar mais alguns pontos de interseção. No que se refere à internacionalização da IES investigada, por exemplo, observamos que há movimentação da universidade para a internacionalização, no entanto, este processo ainda é emergente (Amorim; Finardi, 2021) e carente de articulações a nível nacional, institucional e individual (Amorim; Finardi, 2017) e no que tange políticas linguísticas mais abrangentes e inclusivas tanto para aperfeiçoamento do inglês, língua mais proeminente no processo de internacionalização, quanto para a inserção de outras línguas da formação de docentes e discentes da universidade, vemos que ainda há lacunas para o desenvolvimento da IdC (Finardi; Santos; Guimarães, 2016; Finardi; Guimarães, 2019; Guimarães; Finardi, 2019; Finardi; El Kadri; Taquini, 2021; Taquini; Finardi, 2021). Portanto, relacionando esses estudos

com o referencial teórico e o ODS 4 da ONU, percebemos que, apesar do engajamento da IES investigada em relação à internacionalização, observada principalmente em relação à missão de pesquisa, o desenvolvimento das missões de ensino e extensão por meio da IdC e de ações concretas para a formação de uma cidadania glonocal ainda são incipientes.

Sinalizando essa lacuna, os estudos de Piccin e Finardi (2019), Finardi, Guimarães e Mendes (2019), Guimarães *et al.* (2019), Finardi *et al.* (2020), Guimarães *et al.* (2020), Finardi e Guimarães (2020), Guimarães e Finardi (2021), Guimarães, Mendes e Hildeblando Júnior (2021) e Guimarães, Finardi e Amorim (2021) fazem um apelo por um processo de internacionalização mais crítico e voltado para parcerias, seja para pesquisa ou mobilidade acadêmica, mais simétricas, inclusive dado o contexto pós-pandemia. Essa tratativa aponta para uma internacionalização institucional mais inclusiva e equânime, tal como Joseph (2011) sugere a internacionalização do currículo com uma abordagem transformativa. Assim, percebemos que, mais recentemente, a IES investigada tem se esforçado (Wassem; Ferreira, 2020), ainda que a passos curtos, para atingir o ODS 4 da ONU, haja vista também o projeto de extensão supracitado.

Portanto, acreditamos que, para que a universidade possa contribuir para a internacionalização de PME e do desenvolvimento do ODS 4 numa cidadania glonocal, há de haver maior investimento na internacionalização do ensino, mais especificamente, na IdC com abordagens e ações transformativas (Joseph, 2011), tal qual a do projeto de extensão “Terceiro Espaço” que visa conectar a universidade com a sociedade. Dessa forma, ambas trabalham juntas para o desenvolvimento sustentável e para uma educação de qualidade mais inclusiva e equânime, alinhando-se ao ODS 4. É sabido que as línguas estrangeiras, sendo que o inglês ganha lugar de destaque, ainda é um ponto nevrálgico na formação de uma cidadania glonocal, isto é, na formação para o entendimento global, nacional

e local. Se percebemos que há uma lacuna na formação dos futuros gestores das PME, alunos dos cursos de Administração, por exemplo, no que tange a língua estrangeira para internacionalização, a IdC figura-se como alternativa eficiente para sanar tal gargalo.

CONCLUSÕES

Este estudo buscou relacionar a internacionalização da educação superior e das pequenas e médias empresas com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 da ONU – Educação de Qualidade – a ser cumprido na agenda 2030. Utilizou-se de uma metodologia qualitativa na forma de uma meta-análise de 20 estudos produzidos sobre ou na IES investigada, representativa do processo de internacionalização da educação superior no Brasil, seguida da triangulação com o referencial teórico trazido à baila em relação ao ODS 4.

À guisa de conclusão, esta pesquisa sugere que a internacionalização do currículo desponta como um caminho possível para formar futuros gestores (egressos de cursos de Administração) de PME com um olhar mais apurado e preparado para a internacionalização de suas empresas. Além disso, ações extensionistas como o Projeto Terceiro Espaço podem aproximar a universidade da sociedade fazendo com que ambas trabalhem em conjunto para o desenvolvimento de um objetivo comum, qual seja, para uma cidadania glonocal. Apesar desse potencial, reconhecemos que em geral os projetos extensionistas são idealizados e propostos unilateralmente pela universidade para a sociedade, quebrando assim a lógica ou possibilidade de trabalho compartilhado. Nesse sentido, advogamos por um maior envolvimento da sociedade na proposição e execução de ações extensionistas da universidade com (e não apenas para) a sociedade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras:

- evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 22, p. 614-632, 2017.
- AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. Uma matriz multidimensional de (auto)avaliação da internacionalização no Brasil. *Estudos em Avaliação Educacional (Online)*, v. 31, p.699-722, 2021.
- AMORÓS, J.; BASCO, R.; ROMANÍ, G. Determinants of early internationalization of new firms: the case of Chile. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 12(1), 283-307, 2016.
- ANDREOTTI, V. Educação para a cidadania global: Soft versus critical. *Sinergias: Diálogos Educativos para a Transformação Social*, 1, 57-66, 2014.
- ARREGLE, J. L.; MILLER, T. L.; HITT, M. A.; BEAMISH, P. W. How does regional institutional complexity affect MNE internationalization? *Journal of International Business Studies*, 47(6), 697-722, 2016.
- BRASKAMP, L. A. Developing global citizens. *Journal of College and Character*, 10(1), 1-5, 2008.
- BIRKLE, C.; KREWANI, A.; KUESTER, M. (Eds.). *McLuhan's Global Village Today: McLuhan and technical media*. Routledge, 2014.
- BUCKLEY, P. J.; CASSON, M. C. Analyzing foreign market entry strategies: Extending the internalization approach. *Journal of international business studies*, 29(3), 539-561, 1998.
- CHEN, M. K.; WANG, S. C. The critical factors of success for information service industry in developing international market: Using analytic hierarchy process (AHP) approach. *Expert Systems with Applications*, 37(1), 694-704, 2010.
- CHO, H. S.; MOSSELSO, J. Neoliberal practices amidst social justice orientations: Global citizenship education in South Korea. *Compare: A Journal of Comparative and International Education*, 48(6), 861-878, 2018.
- COELHO, D. B.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. D. M. A internacionalização de empresas na agenda governamental contemporânea de desenvolvimento: reflexões críticas e analíticas para os negócios internacionais. *Cadernos Ebape. br*, 14(SPE), 527-550, 2016.
- COSTA, S.; PAPPALARDO, C.; VICARELLY, C. Internationalization choices and Italian firm performance during the crisis. *Small Business Economics*, 48(3), 753-769, 2017.
- DE WIT, H. *Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education*. Amsterdam, the Netherlands: Centre for Applied Research on Economics and Management, School of Economics and Management of the Hogeschool van Amsterdam, 2011.
- DE WIT, H.; HUNTER, F.; HOWARD L.; EGRON-POLAK, E. (Eds). *Internationalisation of Higher Education*. Brussels: European Parliament, Directorate-General for Internal Policies, 2015.
- DE WIT, H. Business model of internationalisation is falling apart. *University World News*, Access on July 5th 2020. Available at: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20200519133420380>, 2020.
- DUNNING, J. H. Toward an eclectic theory of international production: Some empirical tests. *Journal of international business studies*, 11(1), 9-31, 1980.
- FINARDI, K.; ORTIZ, R. Globalization, Internationalization and Education: What is the connection? *International E-Journal of Advances in Education*, 1(1), 18-25, 2015.
- FINARDI, K.; ARCHANJO, R. Washback effects of the Science without Borders, English without Borders and Language without Borders programs in Brazilian language policies and rights. In *Language policy and language acquisition planning* (pp. 173-185). Springer, Cham. 2018.
- FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F. Local agency in national language policies: the internationalisation of higher education in a Brazilian institution. *Current Issues in Language Planning*, v. 1, p. 1-23, 2019.
- FINARDI, K. R.; SEMBIANTE, S.; AMORIM, G. B.; VERONEZ, T. Internationalizations in two loci of enunciation: the South and the Global North. *ETD: Educação Temática Digital*, v. 2, p. 591-611, 2020.
- FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. Internationalization and the Covid-19 Pandemic: Challenges and Opportunities for the Global South. *Journal of Education, Teaching and Social Studies*, v. 2, p. 1-15, 2020.
- FINARDI, K. R.; KADRI, M. S. E.; TAQUINI, R. Refletindo sobre o Inglês como Meio de Instrução a partir de representações de alunos de um programa de pós-graduação em Ciências Biológicas. *Horizontes*, v. 39, p. 1-24, 2021.
- GACEL-ÁVILA, J. The internationalisation of higher education: A paradigm for global citizenry. *Journal of studies in international education*, 9(2), 121-136, 2005.

- GUIMARÃES, F. F.; FINARDI, K. R. Global citizenship education (GCE) in internationalisation: COIL as alternative Thirdspace. *Globalisation, Societies and Education*, 1-17, 2021.
- GUIMARÃES, F.; FINARDI, K. R. Internationalization and language policies in Brazil: evidence of the interface at UFES. *Organon*, v. 34, p. 1-21, 2019.
- GUIMARÃES, F.; MENDES, A. R. M.; RODRIGUES, L. M.; PAIVA, R. S. S.; FINARDI, K. R. Internationalization at home, COIL and Intercomprehension: for more inclusive activities in the Global South. *SFU Educational Review Journal*, v. 12, p. 90-109, 2019.
- GUIMARÃES, F.; FINARDI, K. R.; KADRI, M. S. E.; TAQUINI, R. The mission statements of the federal universities and the projection of internationalization in Brazil. *System*, v. 94, p. 102331, 2020.
- GUIMARÃES, F.; FINARDI, K. R. Global Citizenship Education (GCE) in Internationalisation: COIL as alternative Thirdspace. *Globalisation, Societies and Education*, v. 19, p. 1-17, 2021.
- GUIMARÃES, F. F.; FINARDI, K. R.; AMORIM, G. B. From pandemic to paradigm shift: Recalibrating Brazil's relationships with the Global North. *EAIE Forum Magazine*, Amsterdam, Netherlands, p. 28 - 29, 2021.
- HUTCHINSON, K.; FLECK, E.; LLOYD-REASON, L. An investigation into the initial barriers to internationalization: Evidence from small UK retailers. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 2009.
- JOHANSON, J.; VAHLNE, J. E. The internationalization process of the firm—a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. *Journal of international business studies*, 8(1), 23-32, 1977.
- JOHANSON, J., & VAHLNE, J. E. The Uppsala internationalization process model revisited: From liability of foreignness to liability of outsidership. *Journal of international business studies*, 40(9), 1411-1431, 2009.
- JOSEPH, C. Internationalizing the curriculum: Pedagogy for social justice. *Current Sociology*, 60(2), 239-257, 2011. DOI: 10.1177/0011392111429225
- KHOO, S. M. Ethical globalisation or privileged internationalisation? Exploring global citizenship and internationalisation in Irish and Canadian universities. *Globalisation, Societies and Education*, 9(3-4), 337-353, 2011.
- KNIGHT, G. The Born Global Firm: A Challenge to Traditional Internationalization Theory, [in:] *Advances in International Marketing*, eds. S. Cavusgil, T. Madsen, 1996.
- KNIGHT, G. A.; CAVUSGIL, S. T. Innovation, organizational capabilities, and the born-global firm. *Journal of international business studies*, 35(2), 124-141, 2004.
- KNIGHT, G. A.; LIESCH, P. W. Internationalization: From incremental to born global. *Journal of World Business*, 51(1), 93-102, 2016.
- KONTINEN, T.; OJALA, A. The internationalization of family businesses: A review of extant research. *Journal of Family Business Strategy*, 1(2), 97-107, 2010.
- LEITE, Y. V. P.; DE MORAES, W. F. A. As dimensões do empreendedorismo internacional: uma proposição de um framework. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 13(4), 91-106, 2014.
- LEONIDOU, L. C. An analysis of the barriers hindering small business export development. *Journal of small business management*, 42(3), 279-302, 2004.
- MADSEN, T. K.; SERVAIS, P. *The internationalization of born globals: an evolutionary process?* (pp. 421-443). Routledge, 1997.
- MARGINSON, S.; RHOADES, G. Beyond national states, markets, and systems of higher education: A glonacal agency heuristic. *Higher education*, 43(3), 281-309, 2002.
- MCDUGALL, P. P.; OVIATT, B. M. International entrepreneurship: the intersection of two research paths. *Academy of management Journal*, 43(5), 902-906, 2000.
- MERINO, F.; MONREAL-PÉREZ, J.; SÁNCHEZ-MARÍN, G. Family SMEs' internationalization: Disentangling the influence of familiness on Spanish firms' export activity. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1164-1184, 2015.
- MEYER, K. E. International business in an era of anti-globalization. *Multinational Business Review*, 2017.
- MORAIS, F.; FERREIRA, J. J. SME internationalisation process: Key issues and contributions, existing gaps and the future research agenda. *European Management Journal*, 38(1), 62-77, 2020.
- NARAYANAN, V. Export barriers for small and medium-sized enterprises: A literature review based on Leonidou's Model. *Entrepreneurial Busi-*

ness and Economics Review, 3(2), 105-123, 2015.

ORTIZ, R. *Internacionalização de empresas: uma proposta de modelo conceitual dos fatores que afetam a internacionalização de pequenas e médias empresas*. 128 p. Dissertação de Mestrado em Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

ORTIZ R.; GONZALEZ, I.; SARTÓRIO, A.; OLIVEIRA L. Capital social no mundo globalizado: Um estudo acerca da fomentação e formas de aquisição em cursos superiores de administração. *Revista Espaços*. 36(5),17, 2015.

OVIATT, B. M.; MCDUGALL, P. P. A framework for understanding accelerated international entrepreneurship. In *Research in global strategic management*. Emerald Group Publishing Limited, 1999.

OVIATT, B. M.; MCDUGALL, P. P. Toward a theory of international new ventures. *Journal of international business studies*, 36(1), 29-41, 2005.

PICCIN, G. F. O.; FINARDI, K. R. Questioning global citizenship education in the internationalization agenda. *SFU Educational Review Journal*, v. 12, p. 73-89, 2019.

RAMÓN-LLORENS, M.; GARCÍA-MECA, E.; DURÉNDEZ, A. Influence of CEO characteristics in family firms internationalization. *International Business Review*, 26(4), 786-799, 2017.

RIALP, A.; RIALP, J.; KNIGHT, G. A. International entrepreneurship. *The Routledge companion to international entrepreneurship*, 7, 2014.

RIPOLLÉS, M.; BLESA, A.; MONFERRER, D. Factors enhancing the choice of higher resource commitment entry modes in international new ventures. *International business review*, 21(4), 648-666, 2012.

SEBRAE. Data Sebrae Comércio Exterior. Disponível em: Comércio Exterior - DataSebrae. Acesso em: 24/09/2023.

TAQUINI, R.; FINARDI, K. R. English as a Medium of Instruction in Brazil: Evidence from UFES. *Studies in English Language Teaching*, v. 9, p. p34-56, 2021.

TIMULAK, L. Meta-analysis of qualitative studies: A tool for reviewing qualitative research findings in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 19(4-5), 591-600, 2009.

TIMULAK, L. Qualitative meta-analysis. *The SAGE handbook of qualitative data analysis*, 481, 2014.

VAVRUS, F.; PEKOL, A. Critical Internationalization: Moving from theory to practice. In *FIRE: Forum for International Research in Education* (Vol. 2, No. 2, pp. 5-21). Lehigh University Library and Technology Services. 8A East Packer Avenue, Fairchild Martindale Library Room 514, Bethlehem, PA 18015, 2015.

VISSAK, T.; FRANCONI, B. Serial nonlinear internationalization in practice: A case study. *International Business Review*, 22(6), 951-962, 2013.

WASSEM, J.; DE AGUIAR PEREIRA, E. M.; FINARDI, K. R. Internationalization in higher education: assumptions, meanings and impacts. *ETD-Educação Temática Digital*, 22(3), 520-528. 2020.

WASSEM, J.; FERREIRA, E. B. Política de internacionalização da UFES: A busca pela excelência acadêmica. *ETD: Educação Temática Digital*, 22(3), 612-631, 2020.

ZAHRA, S. A. A theory of international new ventures: a decade of research. *Journal of international Business studies*, 36(1), 20-28, 2005.

Recebido em: 25/09/2025
Aprovado em: 04/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

Reconhecimento

O autor 1 agradece Capes por bolsa de doutorado no Brasil e bolsa PSDE para o exterior. A autora 2 agradece a Fapes e o Cnpq por financiamento de pesquisa na forma de bolsas de produtividade e auxílio à pesquisa.